



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.
Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos.

APORTES TEÓRICOS DE EDWARD PALMER THOMPSON PARA O SERVIÇO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

WILLIAM BERGER¹
FLAVIA DA SILVA PINTO²

Resumo: Este texto apresenta uma revisão bibliográfica introdutória sobre a incidência do historiador inglês Edward Palmer Thompson no Serviço Social contemporâneo e seus principais aportes teóricos como Costumes, Economia Moral e a noção de Experiência e Vivência para abordar o conceito de Classe Social com sua centralidade na categoria Trabalho. Por um ser um marxista heterodoxo, podemos observar em sua obra a notável influência da História Social e da Antropologia, disciplinas tão necessárias para compreender alguns novos sujeitos que tem se colocado como demanda para a intervenção e pesquisa dos assistentes sociais na contemporaneidade como os povos indígenas e o planejamento, implementação e avaliação de políticas públicas sociais para povos e comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Costumes; Economia Moral; Experiência; Serviço Social; Povos Tradicionais.

Abstract: This text presents a literature review on the introductory impact of the English historian Edward Palmer Thompson in Contemporary Social Work and its main contributions theorists such as Customs, Moral Economics and the concept of Experience and Participation to address the concept of Social Class with its centrality in Work category. For one to be an unorthodox Marxist, his work can be seen in the remarkable influence of Social History and Anthropology, disciplines as necessary to understand some new objects that have been faced as demand for intervention and research in contemporary social workers as Indigenous Issues and the planning, implementation and evaluation of social policies for people and traditional communities.

Keywords: Custom; Moral Economy; Experience; Social Services; Traditional Peoples.

1. INTRODUÇÃO

A apresentação aqui proposta investiga algumas contribuições teóricas do historiador Edward Palmer Thompson para o Serviço Social Contemporâneo no tocante a “novas” demandas que se colocam a esta profissão como a problemática indígena e a emergência de políticas sociais para povos e comunidades tradicionais. Trata-se de um artigo introdutório sobre o tema, de

¹ Profissional de Serviço Social. Prefeitura municipal de Vila Velha. E-mail: <williambergere@gmail.com>.

² Estudante de Pós-Graduação. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

natureza crítico-teórica e buscará como fontes básicas a documentação primária de E. P. Thompson, sua produção e de seus comentadores.

O referencial teórico aqui adotado se baseia num breve mapeamento da obra do autor em questão e nas produções acadêmicas, seu debate empreendido nas Humanidades e nas Ciências Sociais em 5 principais áreas: História, Educação, Sociologia/Antropologia e Serviço Social, trazendo enfoque para o Serviço Social contemporâneo e as mais recentes demandas colocadas à profissão na área das Políticas Sociais.

Uma primeira leitura do autor em questão evidencia em seus aportes teóricos o apelo à valorização da experiência e da vivência, do saber e da cultura popular como fonte de um aprendizado constantemente renovador da teoria marxista na contemporaneidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Edward Palmer Thompson, historiador inglês da geração de Éric Hobsbawn e Christopher Hill. Estamos falando aqui de um “socialista humanista muito especial”, nas palavras de Bill Schwars, com uma “pluralidade de vozes” em “diferentes registros” (Projeto História, 1981, p. 26) ³.

Em sua obra “Costumes em Comum”, uma coletânea sobre o século XVIII inglês, E. P. Thompson nos traça um panorama da História que une o radicalismo dos 'niveladores' da Revolução Inglesa à perplexidade do fim do século XX (THOMPSON, 1998).

Os costumes aparecem em sua obra a partir da noção de direitos, uma discussão qualificada da lei, dos motins da fome, das alterações operadas pelo

³ - Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), nº 12. São Paulo-SP, 1981.

Trata-se de um importante Dossiê do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP e há nesta linha argumentativa também uma importante pesquisa do professor Dr. Marcelo Badaró Matos do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), intitulado “E. P. Thompson no Brasil”, onde estuda a recepção e a fortuna crítica do historiador marxista inglês no nosso país.

capitalismo na temporalidade do trabalho e das manifestações da cultura popular. (THOMPSON, 1998).

Costume é o tema central dessa obra, onde o olhar sobre a cultura dos trabalhadores do século XVIII, e parte do século XIX, traz à luz da consciência os usos costumeiros na criação recente da *reivindicação de novos direitos* (THOMPSON, 1998).

A Cultura Popular na Idade Moderna passou por um declínio devido às suas fontes na magia, na feitiçaria e nas superstições, onde, por exemplo, a alfabetização suplantou a transmissão oral. Apenas com Peter Burke em 1978, temos o surgimento dos estudos do folclore. Antes disso, o que se tem sistematizado são registros dos hábitos e ritos da cultura plebeia, tida como uma tradição menor, vista como antiguidade e resíduo do passado (THOMPSON, 1998).

Bacon *apud* Thompson (1998, p. 14) nos diz que:

[. . .] o costume é mais perfeito quando tem origem nos primeiros anos de vida: é o que chamamos de educação, que, com efeito, não passa de um costume adquirido. [. . .] um vocabulário completo de discurso, de legitimação e de expectativa.

Cem anos depois Bernard de Mandeville irá aceitar a educação universal a partir da ideia de que os costumes haviam tiranizado a época. Tal educação buscaria fazer com que toda uma multidão habitasse seu corpo ao trabalho. Buscava-se, assim, um povo feliz e tranquilo, ignorante e pobre, tentando eliminar a transmissão oral e os costumes (THOMPSON, 1998).

Os costumes do domínio senhorial (Lex Loci) às vezes só se mantinham na memória dos mais velhos e tinham força de lei. Para alguns trabalhadores industriais os costumes figuravam mesmo como força legal (THOMPSON, 1998).

Assim,

[. . .] a inovação do processo capitalista, é quase sempre experimentada pela plebe como uma exploração, a expropriação de direitos de uso costumeiros, ou a destruição violenta de padrões valorizados de trabalho e lazer [. . .]. Por isso a cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes. Esses pertencem ao povo, e alguns deles se baseiam em reivindicações muito recentes. Contudo, quando procura legitimar seus protestos, o povo retorna frequentemente às regras paternalistas de uma sociedade mais autoritária, selecionando as que melhor defendam seus interesses atuais [. . .] (1998, p. 20).

Dessa forma, no texto de E. P. Thompson os costumes configuram uma identidade social: “A identidade social de muitos trabalhadores mostra também uma certa ambigüidade. É possível perceber no mesmo indivíduo identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde [. . .]” (THOMPSON, 1998, p. 20). (sic)

Tratam-se de experiências compartilhadas, como uma “filosofia espontânea”, no dizer de Antônio Gramsci, “senso comum” ou “práxis” para uma transformação do mundo desde a prática social. Por outro lado, aparece a conformidade, enquanto aceitação das regras impostas no jogo social, embebido de paternalismo.

Cultura aparece, pois, como

[. . .] um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e do trabalho [. . .] (THOMPSON, 1998, p. 22)

Gerald Sider *apud* Thompson (1998) irá dizer que:

Os costumes realizam algo – não são formulações abstratas dos significados, embora possam transmitir um significado. Os costumes estão claramente associados e arraigados às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho, embora não derivem simplesmente dessas realidades, nem as reexpressem. Os costumes podem fornecer o contexto em que as pessoas talvez façam o que seria mais difícil de fazer de modo direto [. . .], eles podem preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terreno e do

domínio dos que deles co-participam, servindo como uma fronteira para excluir os forasteiros [. . .] (THOMPSON, 1998, p. 22)

Assim, os componentes da cultura popular expressam necessidades e expectativas do coletivo. A Revolução Industrial significou uma revolução demográfica, sendo a maior transformação da história que revolucionou as necessidades e destruiu a autoridade das expectativas baseadas nos costumes. O que ocasionou que as gerações que sucederam não se põem como aprendizes umas das outras (1998).

A partir desse componente Thompson (1998) irá dizer que o ócio de uns irá originar multidões que vivem de maneira oposta, porque trabalham para os outros além de para si próprios. Este é um “[. . .] texto oculto do diálogo entre o Norte e o Sul” (THOMPSON, 1998, p. 23), ou do não diálogo, do monólogo do Norte sobre o Sul, acrescento.

A leitura de Thompson sobre a **economia moral** da multidão inglesa no século XVIII irá partir dos motins da fome: ataques aos comerciantes de grãos e moleiros, diante da degeneração social e da desgraça, como um espasmo social que ocasionou a pilhagem. Thompson (1998) nos argumenta: “[. . .] as pessoas protestam quando estão com fome” (1998, p. 151). E continua com perguntas: “[. . .] estando com fome (ou sendo sensuais), o que é que as pessoas fazem? Como o seu comportamento é modificado pelo costume, pela cultura e pela razão?” (1998, p. 151). Thompson foge, assim, da noção redutora do homem visto apenas pelo viés econômico.

E infere uma noção que irá chamar de legitimadora, pois fará uma ligação com os conceitos de Weber e sua noção de Poder:

[. . .] Por noção de legitimação, entendo que os homens e as mulheres da multidão estavam imbuídos da crença de que estavam defendendo direitos ou costumes tradicionais; e de que, em geral, tinham o apoio do consenso mais amplo da comunidade (THOMPSON, 1998, p. 152).

Assim, o “[. . .] motim da fome na Inglaterra do século XVIII era uma forma complexa de ação popular direta, disciplinada e com objetivos claros” (THOMPSON, 1998, p. 152).

Thompson (1998) passa a identificar os objetivos e motivos próprios das multidões para os motins: 1. Aumento dos preços; 2. Mau procedimento dos comerciantes; 3. Fome; 4. Consenso popular sobre o que eram as práticas legítimas e ilegítimas; 5. Visão consistente e tradicional; 6. Normas e obrigações sociais; 7. Funções econômicas; 8. Grupos das comunidades; 9. Economia moral dos pobres; 10. Desrespeito a esses pressupostos morais; 11. Ação direta.

Essas são noções definidas e defendidas de “bem-estar comum” que tem apoio na tradição paternalista das autoridades, ressoadas pelo povo e que o torna refém daquelas.

Assim, as restrições impostas pelo costume punham em primeiro plano a alimentação dos pobres e depois os interesses dos comerciantes. Tal base se ancora no ressentimento popular, como um efeito simbólico do modelo paternalista contra o *laissez-faire* (auto-regulação). À interferência do Estado se alia ação popular. Quando o pão custa caro, os pobres não comem bolo (THOMPSON, 1998, p. 162).

O autor em questão nos indaga:

Se é possível reconstruir modelos alternativos claros às políticas dos economistas tradicionalistas e dos economistas políticos, será possível fazer o mesmo para a economia moral da multidão? (THOMPSON, 1998, p. 164).

Assim conclui Thompson: [. . .] a multidão tirava sua noção de legitimação do modelo paternalista (1998, p. 165), pois

[. . .] num aspecto a economia moral da multidão rompia decisivamente com a dos paternalistas. A ética popular sancionava a ação direta coletiva, o que era categoricamente reprovado pelos valores da ordem que sustentavam o modelo paternalista (THOMPSON, 1998, p. 167).

Como a economia dos pobres era local e regional, sendo de subsistência, os moinhos eram os principais alvos dos motins mais sérios do século XVIII. No século XIX os direitos dos costumes irão fundar a “*Speendhandland*”: subsídios às pessoas que ganhavam abaixo de um subsídio que não rivalizasse com o

salário. A criação dessa forma de assistência demonstra a dramaticidade do trabalhador do século XIX (1998).

Em seu livro “Senhores e caçadores: a origem da lei negra” Thompson (1987) realiza um movimento de “[. . .] encarar a sociedade inglesa de 1723 tal como elas mesmas [classes sociais] a encaravam, a partir de ‘baixo’ ” (THOMPSON, 1987, p. 17).

E nos diz que a lei negra de 1723 foi uma lei escrita com sangue. A caça ilícita de cervos por homens com máscaras ou rostos pintados de preto formava uma espécie de resistência social às proibições legais impostas pelos governantes da corte.

Assim, nas florestas inglesas de Windsor e Hampshire, quem fosse pego com qualquer material de caça ou pintado o rosto de preto era condenado à pena de morte por parte das magistraturas.

As florestas eram um espaço complexo de intrincadas leis de uso que cerceavam a utilização destas por parte da plebe em favor do estabelecimento de cargos e relações de poder (para administrar as leis das florestas), envolvendo também o clero, buscavam assegurar, no fim das contas, o poder e o direito de propriedade.

Os homens com rostos pintados de preto, chamados de negros realizavam, assim, verdadeiro enfrentamento ao poder na ação direta.

O componente simbólico e cultural das proibições à caça visavam a garantia de privilégios para a classe dominante, evidenciando um intrincado jogo de dominação e legitimidade.

Thompson (1983, p. 202) nos diz que:

A veação era, seguramente, um artigo precioso. Seu consumo constituía um símbolo de status, e presentear carne de caça era uma das maneiras mais elegantes que encontrava a fidalguia para expressar sua influência e solicitar favores.

As leis estavam associadas, assim, diretamente, às relações de produção e se constituíam um poder de classe, evidenciando o sectarismo ideológico classista. A lei como um instrumento do imperialismo.

Thompson (1983) cita o exemplo de Gandhi e Nehru que conseguiram desmascarar o poder e evidenciar o caráter excludente das leis.

Porém podemos enxergar um otimismo e realismo thompsoniano quando o autor nos diz que

[. . .] o domínio da lei em si, a imposição de restrições efetivas ao poder e a defesa do cidadão frente as pretensões de total intromissão do poder, parecem-me um bem humano incondicional. (1983, p. 357)

E deixa claro que a defesa nos degraus mais baixos da hierarquia se dá também pela força e pelo roubo (1983, p. 325).

2.1. Dos conceitos aos “novos” sujeitos

Tais **conceitos**, aportes teóricos que E. P. Thompson aborda mostram-se férteis para a interpretação das culturas indígenas, quilombolas e a na Modernidade capitalista-colonialista. Abarcam um amplo debate produzido na área das Humanidades e das Ciências Sociais, na História e na Educação, e algumas discussões na área do Serviço Social, que buscaremos identificar e anunciar a partir dos seguintes aportes teóricos de E. P. Thompson: **Costumes**, **Economia Moral** e a noção de **Experiência** e **Vivência** para abordar o conceito de **Classe Social**, no intuito de dar prosseguimento à difícil tarefa de caminhar com o materialismo histórico na contemporaneidade.

Assumimos, pois aqui, a perspectiva da centralidade da categoria **Trabalho**, orientadora da obra de E. P. Thompson, trazendo a lume algumas outras categorias e noções que ampliam o olhar sobre o materialismo histórico na contemporaneidade, advindas da História e da Antropologia. Assim este artigo serve como uma introdução sobre o tema e sobre a obra de E. P. Thompson onde é possível identificar pontos de contato também com outros

autores da História e das Ciências Sociais, como Walter Benjamin, Antônio Gramsci, Karl Marx, Gyorgy Lukács (entre outros a serem investigados em um estudo mais detido), na medida em que as epistemologias permitam ao pesquisador aproximações sucessivas ao objeto, apesar das diferentes formas de abordar a teoria marxista em cada um dos referidos autores.

Thompson (1981) em seu livro “A Miséria da Teoria ou um planetário de erros”, ao criticar o marxismo estruturalista de Althusser nos diz que:

Devemos pôr a teoria para trabalhar, e podemos fazê-lo tanto interrogando as evidências (pesquisa) como interrogando a historiografia e outras teorias (crítica); ambos os métodos foram os mais comumente empregados por Marx. A prática teórica que rejeita o primeiro procedimento ("empirismo") e reduz o segundo a uma caricatura ao medir todas as outras posições pelo confronto com sua própria ortodoxia preestabelecida, não prova coisa nenhuma, exceto a auto-estima de seus autores. O projeto da Grande Teoria encontrar uma conceituação total sistematizada de toda história e situações humanas - é a heresia original da metafísica contra o conhecimento (1981, p. 126).

Thompson (1981, p. 129) ainda nos diz que “[. . .] a dialética nunca pode ser registrada nem aprendida de cor. Ela só pode ser assimilada pelo aprendizado crítico dentro da própria prática.”.

Cultura, um conceito amplo para Thompson, aparece como o “[. . .] viver histórico dos sujeitos, como seus modos de vida, de luta, de resistência, de trabalho em sua experiência social cotidiana” (MARTINELLI, 2008); e está associada à noção de **Experiência**, “[. . .] a mais rica das possibilidades humanas, como a exploração aberta do mundo e de nós mesmos, como o fazer-se histórico dos sujeitos” (MARTINELLI, 2008); e ainda à **Consciência** enquanto “[. . .] modo como os sujeitos elaboram a sua **Vivência**, a sua experiência social cotidiana” de **Classe Social**.

Esclarecedor texto de E. P. Thompson é “Algumas observações sobre classe e ‘falsa consciência’”, quando aborda “classe social” como uma categoria histórica⁴.

Experiência em E. P. Thompson aparece como a relação entre “ser social” e “consciência social” (G. Lukács)⁵.

Também parra Suely Aparecida Martins (2006) ⁶, E. P. Thompson aborda

[. . .] a categoria experiência como relação entre ser social e consciência social, a lógica histórica como defesa da necessidade do diálogo permanente entre teoria e evidências no processo de construção do conhecimento científico.

Para anunciar a influência de E. P. Thompson na Educação, começaremos com uma importante pesquisa de Regina Célia Linhares Hostins, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/UNIVALE/SC), uma discussão de natureza teórico-metodológica sobre o processo histórico e os conceitos caros em E. P. Thompson que são imprescindíveis para o pesquisador: **Classe social e Trabalho**⁷, como uma relação histórica diante dos materiais e evidências e como o pesquisador conduz esse diálogo. A noção de experiência e vivência tomam força quando E. P. Thompson estuda a “Formação da Classe Operária Inglesa”⁸ e como o analfabetismo foi utilizado como arma de exclusão social dos trabalhadores ante a apropriação do discurso público (HOSTINS, 2010).

⁴ Aqui o nosso autor se liga diretamente a G. Lukács e a discussão sobre o “ser social” e a “consciência social”.

⁵ Numa investigação mais detida se fará necessário evidenciar de forma mais aprofundada a evidente relação entre o pensamento de E. P. Thompson e G. Lukács.

⁶ IN: MARTINS, S. A. **As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 2 ,nº 2 (4), agosto-dezembro/2006, p. 113-126.

⁷ - Uma investigação aprofundada da relação entre E. P. Thompson e K. Marx através da centralidade da categoria Trabalho e Classe Social torna-se um imperativo na contemporaneidade.

⁸ - Trata-se de um importante estudo de E. P. Thompson no Departamento de História da PUC-SP que leva esse título.

Também o estudo “História e experiência: contribuições de E. P. Thompson à pesquisa em educação” de Maria Célia Marcondes de Moraes e Ricardo Gaspar Müller discutem os atuais desafios à pesquisa em educação como o desmascaramento da pedagogia do “aprender fazendo” que aprisiona a experiência docente e limita a pesquisa educacional. Nesses autores a categoria teórica **Cultura** e a noção de **Experiência**, tomam força ao abordarem a pesquisa educacional como um processo histórico (MORAES & MÜLLER, 2003).

Na área da História, um estudo introdutório de Alexandre Fortes intitulado “Miríades por toda a eternidade: a atualidade de E. P. Thompson”, situa o debate historiográfico além da revista “Projeto História” do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), em seu nº 12, quando faz um importante dossiê da presença de E. P. Thompson e seu fértil debate na atualidade (Projeto História, 1981) ⁹.

Na área do Serviço Social a Dra. Maria Lúcia Martinelli, professora do Departamento de Serviço Social da PUC-SP vem tecendo uma importante discussão no campo da pesquisa qualitativa, onde E. P. Thompson norteia a “perspectiva de conhecer-se os sujeitos” da pesquisa, em seu modo de vida a partir do eixo **Cultura, Consciência e Experiência**, como já explicitamos, dando valor ao cotidiano e ao uso das fontes orais para apreender a “[. . .] densidade da experiência do sujeito e sua expressão na qualidade da narrativa” (MARTINELLI, 2008) ¹⁰.

Martinelli (2008, p. 34) nos diz que:

Segundo o historiador marxista inglês Edward Palmer Thompson, que viveu de 1924 a 1993, a premissa fundamental para se realizar um trabalho que efetivamente parta da centralidade do sujeito, do reconhecimento da riqueza de sua experiência, é conhecer o modo de vida das pessoas, como vivem a sua vida, quais suas experiências sociais e que significados atribuem às mesmas. Em outras palavras,

⁹ - Os estudos referidos servem como ponto de partida para aprofundar a discussão na área da História, disciplina nativa de E. P. Thompson, por excelência.

¹⁰ IN: **O social em questão**. Ano XI, nº 19 (2008) – Rio de Janeiro: PUC-Rio. Departamento de Serviço Social, 1997-2008.

é conhecer o processo de se fazer sujeito das pessoas com quem vamos realizar, ou estamos realizando a pesquisa.

Podemos observar numa leitura introdutória da obra de E. P. Thompson, que esse autor traz à tona a importância da História Social e da Antropologia para entender e lançar novos olhares sobre a Questão Social¹¹ na contemporaneidade; e torna oportuno, assim, lançar novos rumos para o próprio caminhar do materialismo histórico. Deprendemos daí sua importância para o Serviço Social contemporâneo, diante da desqualificação do fazer profissional e da desvalorização da profissão no processo de produção e reprodução das relações sociais da sociedade capitalista em sua fase neoliberal: a contemporaneidade.

Os aportes teóricos de E. P. Thompson, assim, trazem à cena novas formas de ver a própria profissão do Serviço Social e as Políticas Sociais ao evidenciar as formas, práticas e lutas anteriores à própria história profissional, que desqualificou essas anterioridades, como se uma política e uma profissão surgissem apenas num momento exato da História e não se formasse na cultura através de formas anteriores¹².

Essa chave de leitura é muito importante na atualidade para pensarmos, como E. P. Thompson o fez com as lutas populares na Inglaterra do século XVIII, as formas de resistência social dos mocambos e dos quilombos no Brasil, das comunidades religiosas de matrizes africanas atacadas pela intolerância religiosa, a questão fundiária dos trabalhadores sem-terra no campo, dos sem-teto nas cidades, por exemplo, enquanto segmentos excluídos e invisibilizados, e em especial, os diferentes povos e grupos indígenas aldeados e em contexto urbano que resistem até a atualidade em mais de 518 anos de violência e extermínio, fruto da racionalidade dos colonizadores de todos os tempos.

¹¹ - Numa investigação mais detida é necessário situar o debate sobre a Questão Social no Serviço Social Contemporâneo.

¹² - Debate que podemos perceber em E. P. Thompson, especialmente em “Senhores e caçadores: a origem da lei negra” e “Costumes em Comum”.

É importante demarcarmos então quais as características do pensamento de E. P. Thompson nessa ótica da resistência social. Resumidamente poderíamos elencar da seguinte forma:

1. Rebeldia da cultura popular na defesa dos costumes; 2. Para legitimar os protestos o povo recorre às regras paternalistas a fim de defender seus interesses atuais; 3. A identidade social é ambígua (deferente e rebelde); 4. A cultura popular expressa necessidades e expectativas; 5. O ócio de uns gera uma multidão com o contrário; 6. Nos motins: as pessoas protestam quando têm fome e recorrem à base do costume, da cultura e da razão na ação direta.

Poderíamos, assim, afirmar que diante do poder e da dominação, a cultura popular tende a recorrer aos costumes como fonte de uma legitimidade e pode assumir a deferência ou a rebeldia desde uma noção de direito.

Ainda em E. P. Thompson o conceito de Cultura a noção de experiência e consciência/vivência aparecem para entender e atualizar o conceito de classe social e a possibilidade de “conhecer-se os sujeitos” com os quais trabalhamos ou sobre os quais pesquisamos a partir de seus saberes e práticas. Para realizar pesquisa e intervenção com populações tradicionais, por exemplo, essa chave de leitura é primordial.

Conforme o autor,

A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais e refletem sobre o que acontece a eles e a seu mundo (...). A experiência entra sem bater a porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências gerais: velhos sistemas conceptuais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença (THOMPSON, 1981, p. 16 e 17).

Os conhecimentos se formam também fora dos procedimentos acadêmicos, chegando mesmo questionar conclusões do pensamento

científico vigente: os saberes populares de cada cultura questionam e em muitos momentos superam o saber instituído e seu *status quo*.

3. CONCLUSÃO

Qual o valor dessas ideias para o Serviço Social e para se pensar Políticas Sociais para/com povos tradicionais (indígenas, quilombolas, etc.), por exemplo?

Lançamos a hipótese aqui de que para os assistentes sociais, E. P. Thompson traz elementos importantes para pensar o fazer profissional e a pesquisa social, enquanto potenciais sujeitos da organização coletiva (emancipação das classes subalternas em A. Gramsci), reafirmados pelo projeto ético-político profissional do Serviço Social, em ações diretas que privilegiem a garantia dos direitos sociais e a ampliação da cidadania de trabalhadores do campo, da aldeia e da cidade, indígenas, quilombolas, comunidades religiosas de matrizes africanas, ciganos, ribeirinhos, pomeranos, populações de rua, lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros etc., desde sua base nos movimentos sociais até a gestão e implementação de políticas públicas sociais que resgatem e ampliem a cidadania negada desses segmentos.

A situação de exclusão e pobreza, por exemplo, pode ser um elemento forte de identidade social dos “de baixo” no sentido de exigir do Estado o cumprimento de seu papel numa redefinição das noções de direitos, presentes como vimos nos estudos de E. P. Thompson, para as populações e o respeito às suas culturas específicas, seu modo de vida, de ser e estar e se relacionar entre os membros de seu povo e sua cultura, e com a sociedade envolvente (Estado-Nação), bem como as relações com o espaço no capitalismo neoliberal.

É preciso que fiquemos atentos às particularidades de cada um dos sujeitos coletivos, às culturas populares, e aqui às culturas dos povos tradicionais, por exemplo, para se pensar políticas públicas sociais que não

sejam autoritárias e depositárias, valorizando a experiência/vivência nos saberes, tradições orais, memórias e costumes tradicionais de cada povo.

A partir de uma leitura mais cuidadosa da obra de E. P. Thompson, é possível identificar, por exemplo, quais os pontos onde as populações tradicionais indígenas, quilombolas, etc. têm um aprendizado de dominação anterior ao capitalismo, revelando uma dialética entre dominação e resistência.

E. P. Thompson se rebelou contra o enrijecimento do pensamento marxista ao afirmar que estrutura (econômica) e superestrutura (política, cultural e jurídica) não são instâncias separadas, assumindo, assim, a totalidade da obra de Karl Marx, solicitada também por Antônio Gramsci para:

1. Estar atento aos costumes populares;
2. Entender os valores populares;
3. Entender as crenças e tradições.

Entendemos, pois, aqui que, a título de exemplo, para se pensar o planejamento, a implementação e avaliação de políticas públicas sociais para povos tradicionais, como os indígenas e quilombolas, é preciso, pois, realizar estudos de seus usos e costumes, além das lutas e da experiência de cada população em seus distintos territórios¹³, de acordo com sua própria consciência social, seus valores, seus ritos, seus discursos e narrativas, no intuito de não hegemonizar os modelos, mas as dinâmicas, dando o real valor à experiência dos “de baixo”. Tratam-se de rumos para um árduo, porém necessário, caminhar histórico.

REFERÊNCIAS

BERGER, W.; FONSECA, D. P. R. **O teatro do poder e o Teatro do Oprimido: formas de resistência e intervenção social em Caieiras Velhas.** Aracruz, ES (2006-2011). 2012. 183p. Dissertação (Mestrado em Serviço

¹³ - Entendemos aqui a noção de Milton Santos: o território a partir de seu uso e apropriação.

Social) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

HOSTINS, R. C. L. **O Pesquisador e a lógica histórica** : contribuições do historiador E. P. Thompson para a pesquisa em educação. Rio de Janeiro: ANPED, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt02/t0210.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2011.

MARTINELLI, M. L. Pesquisa qualitativa: um caminho para a intervenção profissional. **O social em questão**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 19, 2008.

MARTINS, S. A. As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2 ,n. 2, ago./dez. 2006, p. 113-126. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13539/12404>>. Acesso em: 17 out. 2011.

MATUS, T. **Aportes de Walter Benjamin al Trabajo Social Contemporáneo**. Palestra apresentada na Universidade do Chile e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MORAES, M. C. M.; MÜLLER, R. G. História e Experiência: contribuições de E. P. Thompson à pesquisa em educação. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2003. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/.../9653/8882>. Acesso em: 17 out. 2011.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1989.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras 1998. 493 p.

_____. Folclore, Antropologia e História Social. In:_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

_____. **Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Tradução Waltencir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. **Senhores e Caçadores**: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 432 p.

_____. Algumas observações sobre classe e "falsa consciência". **Revista História Social**, Valencia, n.10. p. 27-32, [20--].